

pong pong

By Ecoohunter



Tendências,
criatividade,
indústrias,
sociedade.



O futuro, primeiro.



< 689533 007009 5



Sonhar no caos

POR PATRÍCIA BARNABÉ



Joana Astolfi ajudou a dar novo rosto a uma Lisboa que se abriu a mundo. Fala-nos do seu ano e do que se aprende com a iminência da mudança.



Cresceu a observar, pessoas e coisas, horas a fio. Construía brinquedos e pequenas vitrines no atelier do pai, onde alinhava e colecionava objectos fascinantes. Seguiu os passos paternos e escolheu Arquitectura, cresceu entre Munique, Londres e Treviso, onde estudou e trabalhou até regressar a Portugal, há mais de uma década. Pegou nas suas coisas, as que trouxe, as que foi encontrando e as que descobriu em feiras e lojas antigas de Lisboa e começou a dar-lhes uma estória, um contexto, um lugar. Em 2009 fundou o Studio Astolfi e este foi crescendo com a cidade e a sua abertura ao mundo, hoje é uma família de colaboradores que pensam e executam os projectos que Joana sonha, da arquitectura ao design de interiores, do *exhibition design* a intervenções *arty*. São dela as montras Hermès e a loja Claus Porto, no Chiado, a Pau Brasil, no Príncipe Real ou o Antigo Talho, no Marquês, por exemplo, os restaurantes Cantinho do Avillez, Belcanto ou do Bairro do Avillez e o panorâmico Park, a cafetaria do Village Underground, em Alcântara, ou o Café da Garagem, no Castelo. Fora de Lisboa, o *cabinet de curiosités* no restaurante do belo S. Lourenço do Barrocal, em Reguengos de Monsaraz, e o novo museu do textil, no Porto. Em tudo o que toca, refresca memórias e cria um novo olhar e narrativas cheias de humor e fantasia, com aquele olhar de menina: “Acordo todos os dias e vou brincar”, disse-nos uma vez. “Mas é uma grande brincadeira, muito séria.” Em plena pandemia, sentamo-nos num café junto à Praça das Flores, a conversar sobre estes dias que passam lentos, entre a realidade e os sonhos.

Como têm sido os dias da pandemia?

Em março não me caiu a ficha, toda a gente muito assustada e preocupada: “Temos de ir todos para casa”. Tinha grandes projectos a rolar, como o museu no Porto e uma galeria de luxo que inaugurou agora no NorteShopping, ambos em obra e que tivemos de acompanhar, portanto eu sabia que tinha de continuar ativa. Estive a fazer aquelas coisas de que gosto muito de passar horas e horas a fazer, que é um bocado a minha terapia e a minha forma de estar sozinha: tratar do meu ninho. Fui absorvendo devagarinho as coisas e, em vez do stress, pensei: “Então vamos lá desfrutar disto”. Estava nesse *mood*, mas em contacto com a minha equipa, todos a trabalhar de casa, tudo ligado. O *team* das artes parou completamente, fiquei triste, mas têm de estar na oficina, não dava. E os meses foram passando, lá para junho comecei a ficar preocupada. Há três meses que não entrava um projecto e isso ia afectar muito a estrutura e o equilíbrio financeiro do Studio. Tentei manter toda a gente, e mantive, para além de dois estagiários, todos os meses fomos revendo a situação, fizemos uma proposta à equipa de honorários, aceitaram, correu tudo bem, somos uma família, 17 no total, e dois espaços físicos com rendas altas. Nunca comprei uma casa ou um carro, toda a minha história é o meu Studio, o meu Studio sou eu. Voltei a ser pró-activa, há sete ou oito anos que não ia à procura de um projecto (o problema é precisamente o contrário, tenho de seleccionar os que quero fazer) e como a Arquitectura é o mais rentável para o Studio, comecei a pesquisar quem estava a fazer investimentos em Lisboa, todos estrangeiros, franceses, libaneses, da Arábia Saudita. Usei contactos e reuni com estes investidores, que têm uma broad vision, sabem que isto está complicado, mas querem continuar a investir e trabalhar com pessoas com uma bagagem de vida parecida com a minha. Em agosto e setembro começaram a entrar projectos novos e as coisas estão a mexer.

Projectos a destacar?

O *Fashion and Textile Museum*, uma coisa megalómana, (são cinco ou seis museus, nós fizemos um), um trabalho de dois anos. É arquitectura pura e dura, desenhamos todos os expositores para os mais de mil conteúdos que este museu vai ter e explica toda a história do têxtil. Como começou, das matérias-primas, a lã, a seda, o algodão, o linho, as recicláveis, as grandes fábricas e, no primeiro piso, uma homenagem a todos os grandes designers portugueses. Visitei as fábricas no Norte, os teares, como é que se cria uma malha a partir de um fio, são biliões de fios, é incrível, e agora estou a pôr as coisas nas vitrines e nos cabinets que criei com a minha equipa, e os manequins nos pódios, para mim está a ser uma viagem muito bonita, e muito dolorosa porque é um projecto muito grande e envolve muita gente em 2500 metros quadrados. E fizemos algumas intervenções artísticas também com *string art* ou pilhas de tecidos dobrados a criar peças-base de arquitectura, como um arco e um pilar feito com sete metros de restos de tecidos, dobrámos mais de mil metros de tecido para criar estruturas escultóricas, (gosto de ir buscar essas coisas com que ninguém faz nada). Mais projectos novos, um *showroom* dentro das lojas da Worten, para operar as cozinhas deles, um *space in space*, é como atravessares um pórtico e veres um mundo de experiências. E vamos fazer uma fachada da Sagres no Lx Factory a celebrar o mundo da cerveja, para já é isso.

Parar obrigou-nos, a todos, a fazer um exercício de humildade e *slow living*, de que falaste, a parar e recapitular: onde estou e para onde vou?

Isso bateu muito forte a muita gente, para mim foi mais: quem manda aqui não somos nós, há uma força que manda nisto e, de vez em quando, diz: pára tudo! Eu vivo numa realidade que é esta bolha e este mundo que eu criei, e a minha mãe está sempre a dar-me na cabeça porque não ligo à política, não vejo notícias, e é verdade, mas isto já me enche muito. Quero é sonhar isto e ter aquela criança até ao fim da minha vida. Não me estimula o resto, então eu não tive esse *wake up call*. Isto é muito umbilical, foi gradual, eu fui-me encontrando desde que parti para a universidade aos 18 anos e encontrei a Arte e a Arquitectura, e essa forma de casar estas duas áreas que são tudo para mim. A minha vida é o meu trabalho e o meu trabalho é a minha vida, tudo passa por este canal, e a minha família e a Duna [a filha] e os meus amigos e a minha casa e os objectos que me rodeiam. Às vezes pego num, levo-o e faço uma peça de arte para um cliente, está tudo num ciclo perfeito que estou sempre a alimentar. Essa estória de criar e de sonhar todos os dias e arriscar e querer ir mais longe sempre, e não aceitar muito não porque há uma forma de abrir a porta, sempre, através da criatividade, isso para mim é muito claro. E o que fiz nesse período foi isolar-me um pouco mais, mais fechada no meu ninho. Assustou-me sentir que somos uma migalha, de facto, a *speck of dust*. E foi bom, porque os artistas, e para fazermos o que fazemos, temos de ter o nosso ego, o artista alimenta muito o ego, e eu tenho o meu e não é pequeno de certeza absoluta (risos). Apesar de tentar ir sempre para um lado humilde e aprender todos os dias, mas isso acho que sim, deu uma baixada no meu ego. Estamos aqui todos por um fio, e isso é que é a beleza da coisa.

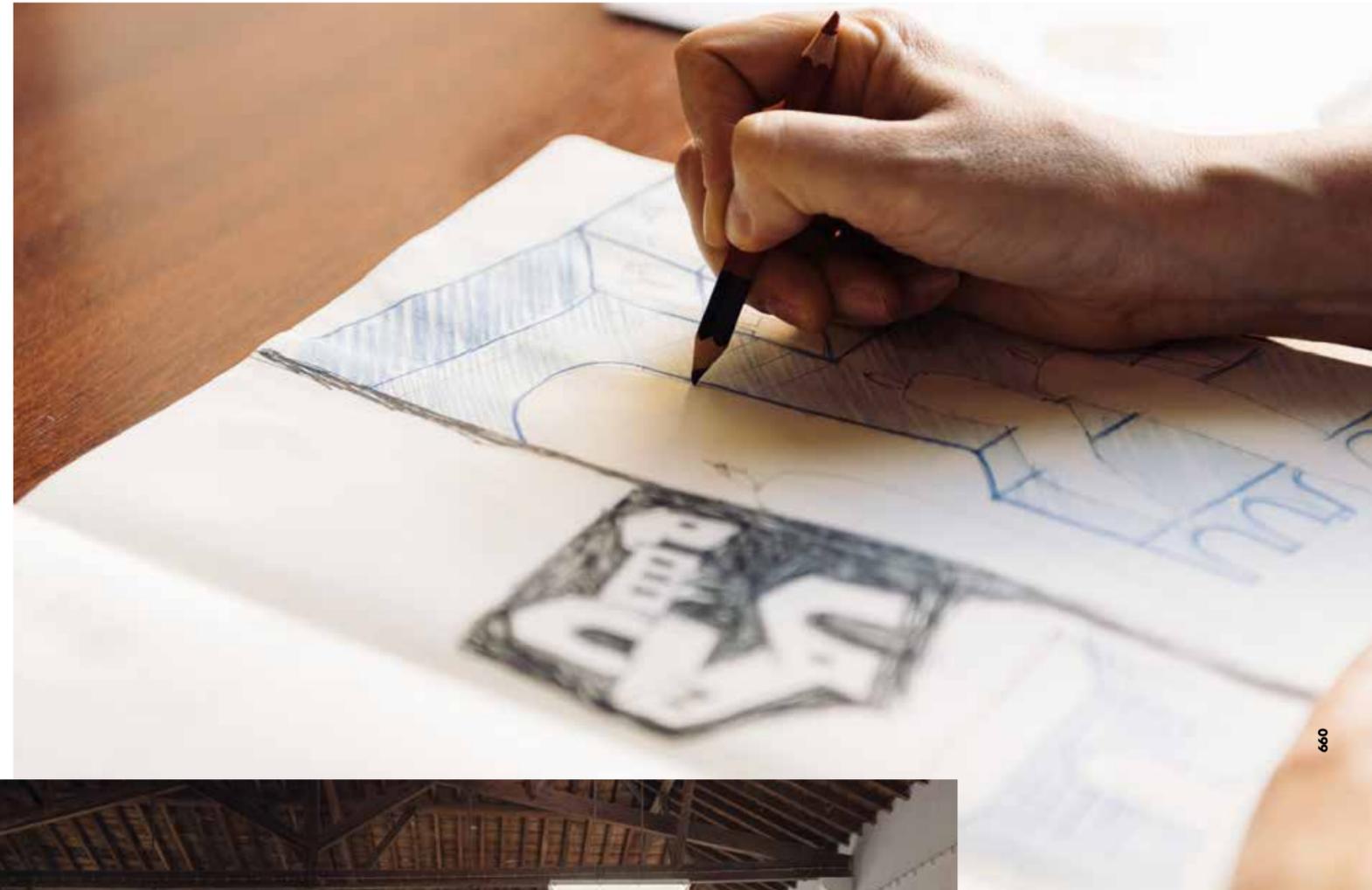
E do que observas fora de ti, o que vai mudar nas nossas vidas depois da pandemia?

Preocupa-me muita a estória do cumprimentar porque eu sou por natureza, nós latinos, de calor humano. Isto para mim é o fim do mundo, se eu não puder abraçar uma pessoa por quem sinto uma empatia enorme, não me façam isso! Está a ser uma luta diária. Mas está a ser um momento muito importante e que ajudou muita gente a perceber: “O que é que eu estou aqui a fazer? O pessoal está a questionar-se, finalmente, em vez de se encostar, que é o típico. Estou a ver as pessoas a mudarem totalmente o rumo de vida, a agarrarem nas suas coisas e a irem para outro país. Essa agitação e esse *reality check* é muito bom, porque sempre que te questionas, estás vivo. Dentro de mim, o que sempre soube que queria deixar neste mundinho mundão era um bocadinho de uma linguagem que eu criei e não fosse mais esquecida. E tenho essa missão dentro de mim, de facto. E queria ir muito para além de Portugal, *step by step*. Estes tempos fizeram com que as pessoas arriscassem e agarrassem mais a própria vida pelos cornos. E isso é muito bom, ainda que esteja embrulhado numa grande bola de medo, mas o medo também é um catalisador para o alerta.

É curioso falar de reposicionamento porque és a pessoa que pega num objecto aqui e põe-no ali, e junta-os para criar uma harmonia ou uma estória. Existe dentro de ti, de forma inconsciente, uma vontade de arrumar o mundo?

(Sorriso) Arrumar é uma palavra com muitas saídas, não é? Por natureza, sou uma pessoa que precisa de arrumação visual, gosto muito das coisas nos seu sítios. Estou a pensar na minha casa e tudo tem um lugar, mudo os lugares às vezes, não gosto da organização obsessiva, mas gosto da organização com bossa, que tenha espaços vividos, sentidos, luz quente, etc. Ir buscar uma coisa ali e depois outra coisa ali, e ir juntando essas coisas que vou encontrando e fazer essas ligações, às vezes físicas, às vezes mentais, sob um *brainstorm* de conceito, é uma coisa que celebro muito. E por isso falamos sempre em contar uma estória, esse é sempre o meu ponto de partida esteja a trabalhar uma marca, um cliente, um espaço. Depois vou lá, ao pó, aos arquivos, às casas, às fábricas, é das coisas que mais me desafia na vida, é ir às memórias. E a memória é uma palavra também muito importante neste tempo, porque estamos a ir lá, ao baú, quando páras, vais às tuas raízes.

“Preocupa-me muita a estória do cumprimentar porque eu sou por natureza, nós latinos, de calor humano.”



“Sozinho, por mais talento que tenhas e quando queres trabalhar em muitas frentes, não consegues.”

Por norma, os artistas são idealistas, com razões mais ou menos humanistas, mais ou menos conscientes, mas há sempre uma vontade qualquer de mudar o *status quo*.

É verdade, mas idealismo é uma palavra que não uso muito porque me assusta um bocado. Penso sempre no meu *drive*: o que é que me faz querer fazer? E é sempre uma vontade de reinventar, a cada momento, inspirada por todas as restrições e todos os problemas que me dão para aquele desafio. Cada projecto é um problema para resolver, é uma procura de verdades, como encontrá-las e transformá-las. Transformação é outra palavra importante nesta pandemia, porque neste momento está a ser tudo: auto, dentro de nós e depois para fora, na maneira como comunicamos com o mundo e nos mostramos através da nossa pessoa, dos nossos valores, do nosso trabalho.

E isso subentende vários pontos de vista, uma ideia de perspetiva, outra palavra igualmente importante agora, e que exploras bastante no teu trabalho. Vens da arquitectura, da grande escala, e vais até ao detalhe.

Exactamente, do macro ao micro. Era interessante fazer uma peça sobre o momento que estamos a viver, mas fisicalizado com objectos, eu podia fazer isso. E agora falaste na perspetiva, de quando estás muito em cima, e eu gosto de pegar na minha lupa e ver com rigor e obsessão pelo pormenor, mas depois a *big picture* é o ponto de partida. É aquele sonho muito alto e mandas tudo lá para dentro, depois usas o filtro e o funil e comesças a peneirar as coisas que vão, de facto, constituir a base desse desafio. O curso de Arquitectura foi muito importante para mim, é um curso tão bonito, é tão largo, é tão fundamental nas nossas vidas e de tudo o que nos rodeia. Acredito muito no arquitecto à antiga, o arquiteto-artista que desenha um espaço, um prédio, uma casa, uma caixa de fósforos e uma chávena, que vai a tudo, da cadeira ao puxador da porta. É só uma questão de escalas, mas a atenção à materialidade, à texturta, ver ganhar forma, isso é Arquitectura. Fui encontrando o meu caminho pela Arquitectura, mas assusta-me muito que me ponham uma página em branco em cima da mesa. O que mais me desafia é darem-me um espaço já em ruínas e trabalhar em cima de memórias que já existem. E aí sim, vou aproximando cada vez mais a lente. Depois do *lay-out*, pensas nos materiais, nas texturas, as paredes, o chão, a *fitted furniture*, que é uma coisa que gosto muito de desenhar, é muito Bauhaus, gosto muito de integrar o sofá, o *sitting*, as mesas que saem das paredes, acho que é interessante esta arquitectura íntegra, que flui e agarra tudo. Depois vamos até à decoração, às peças soltas, à iluminação, que é fundamental, aos espelhos, ao puxador, desenhar tudo tudo tudo. É suor e lágrimas, é muito trabalhoso. Depois desta loucura toda (risos), entra a minha salvação que é a Arte. Tenho o mesmo desafio de rigor, mas na Arquitectura as coisas têm de funcionar de certa forma, têm de ser construídas e a construção tem de bater certo com o que desenhaste; na Arte existe muitas vezes aquilo que adoro que é o acidente, a coisa que correu mal, que colou errado, a tinta que derramou, a forma que mudou, eu adoro isso, celebrar esses erros que depois abrem portas maravilhosas. A Arte é muito mais solta, mas o rigor é o mesmo. O ponto de partida nunca pode ser como é que a peça vai ficar finalizada ou como vai ficar bonita naquela parede, primeiro tens de transmitir alguma coisa.

Os artistas vivem várias pandemias, estão sempre a mudar de pele. Estão sempre a ir lá ao fundo buscar, a arte é uma terapia, para o artista e para o não artista. É muito importante, não tenho dúvidas de que é uma grande salvação.

Têm vindo à praça pública grandes causas por resolver como o #metoo, o #blacklivesmatter, a ecologia, e a pandemia tornou tudo mais evidente e urgente. Como é que achas que o mundo vai evoluir, e alguma destas causas é tua?

A sustentabilidade e a ecologia cada vez mais... Há muitos artistas que têm um drive político fortíssimo. Não sou nada fundamentalista. Mas percebi que estavam a deitar fora coisas que faziam parte de património e de memória, de saber fazer, de artesanato, e as pessoas quando me viam, há 20 anos a apanhar estas coisas ou a ir ter com aqueles velhinhos, diziam-me que eles não sabiam nada (e sabiam muito mais do que nós) e que eu ia buscar lixo. E, no entanto, era muito mais do que isso e o que eu fazia com aquilo era quase magia. Pois, mas antes de se chegar aqui tem se ir à procura da raiz boa que dá para contar histórias. A minha parte ligada à reciclagem, que é uma palavra que eu já não posso ouvir porque já faz parte da minha vida, estou nela sem dizer “eu faço arte política”. Por exemplo, fiz um projecto muito bonito com as árvores de Pedrógão. Uma agência de publicidade chamou-me para fazer um projecto de uma árvore de natal com as árvores queimadas, e eu fui para lá com um camiã TIR da câmara, para o meio daquela floresta com a minha equipa escolher vinte árvores, que já não eram árvores, mas raízes queimadas, para trazer no camiã, uma grua a pegar em cada uma, eles a cortarem, pareciam cadáveres a sair de uma manta preta. Chorei imenso, lembro-me bem desse dia, foi uma catarse. Depois trouxeram-nas para o atelier e eu fiquei ali três dias a olhar para aquilo, e fui à essência mais básica, virei-as ao contrário, as pontas estavam tão queimadinhas que os ramos pareciam raízes, e no lugar do tronco vamos plantar um pinheirinho verde cheio de vida e cheio de cor para mostrar o futuro. A primeira foi para o Palácio de Belém, para o Marcelo, foi muito bonito, foi um projecto visceral, que mexeu muito comigo porque toca muito forte na natureza. Esse é o caminho e este tempo fortaleceu-o ainda mais: temos de estar de braço dado com o planeta, a natureza é tudo, é a maior força que nós temos.

Outra ideia que a pandemia aprofundou é a de que vivemos todos no mesmo planeta, e só conseguimos construir, evoluir, transformar, se estivermos juntos – precisas sempre dos outros.

Sozinho, por mais talento que tenhas e quando queres trabalhar em muitas frentes, não consegues. Por isso, a minha equipa é tudo para mim. E estamos todos no mesmo barco e no mesmo patamar, completamente. Uma coisa que o meu pai sempre me fez ver foi que eu deveria falar com o presidente da república como falo com um pedinte, com o mesmo respeito, dedicação e amor, eu cresci com esta maneira de estar. Por isso, para mim, fazer as montras da Hermès além de ser um desafio criativo, é quase um presente que estamos a dar à cidade e a toda a gente, desde a senhora que já comprou 70 malas da Hermès ao sem-abrigo que dorme ali todas as noites. Os dois vêem a mesma coisa e os dois sonham lado a lado, é maravilhoso isso. E saber estar nos dois mundos é onde vêes a dimensão de uma pessoa, é aí e na forma como lidam com dinheiro, nessas duas coisas percebes a escala humana de uma pessoa.

Neste momento, quais são as tuas prioridades?

Eu tenho sempre desafios comigo própria. Um deles é a Duna, quero continuar a dar-lhe os inputs e a inspirá-la para que seja um ser humano muito único. Já tem um olhar e um sentido de humor e uma alegria muito próprios, acho que ela vai acompanhar-me muito e gostava que continuasse a minha história, um dia. Mas quero dar-lhe essa escala de que falámos, e que ela cresça com pessoas de todo o mundo, a absorver de todas as culturas. E por ser uma menina privilegiada isso não ser razão para não ser generosa e larga de bondade e de troca. E tenho o desafio de continuar o meu caminho, estive fora tantos anos, sinto-me um pouco de todo o lado, quero fazer mais coisas fora de Portugal. Quando vou almoçar com um investidor francês, saudita ou japonês estou sempre em casa. E isto vem da maneira como cresci, com o meu pai e por ter andado por tantas escolas, hoje reflecte-se muito e é uma ferramenta muito importante do meu ADN. Depois tenho a vontade de criar uma coisa minha (comecei a verbalizar há um ano e meio praí e depois bateu a pandemia e tive de parar). Eu crio e desenho *lifestyle* há mais de 20 anos, gostaria agora de receber as pessoas na “minha casa”, a casa Astolfi, que fosse um espaço híbrido e tivesse um bocadinho de tudo o que mexe na minha vida e fosse um *showcase* para mostrar o que há de melhor em Portugal. Portanto, seria um hotel com 15/20 quartos, uma loja com trabalhos só de artesãos que eu iria escolher a dedo, com uma galeria pequena para mostrar o trabalho de artistas emergentes ou de pessoas que admiro, um *bistrobar*, um pequeno mundo Astolfi no centro de Lisboa. E cada vez mais procuro um pouco de espiritualidade, porque sou muito da matéria: ok, isto é um chão, vamos pisar o chão, esta é uma chávena, vamos sentir a forma da chávena, a textura, a temperatura, sou muito de toque. Mas o universo está a enviar pessoas na minha direcção, nos últimos anos, que parecem vir direitinhas a desafiar-me a ir cada vez mais lá, dentro de mim. Mas não no lado criativo, da Joana que toda a gente vê, na personagem Joana, para tentar perceber algumas coisas emocionais. Queria ir mais fundo nas minhas tristezas, que estou sempre a afastar para o lado, às vezes temos de ir lá, para estarmos mais em pleno connosco próprios.

